

DIFERENCIAÇÃO SEXUAL NA LINGUAGEM:

O uso de estruturas de modalização na fala feminina.

Sônia Célia de O. ALVES
Departamento de Línguas e
Literaturas Estrangeiras.
Centro de Letras e Artes.
Mestranda em Lingüística.

RÉSUMÉ: Verification de l'hypothèse selon laquelle l'emploi des modalisateurs est plus fréquent et plus varié chez les femmes que chez les hommes et démonstration que cela est dû-bien plus qu'à des facteurs naturels (biologiques) - à l'apprentissage des rôles culturels d'homme et de femme ainsi qu'à la place socialement inférieure qu'occupe la femme dans notre culture.

Mots clés: Variation Linguistique, Modalisation, Discours féminin, Différenciation sexuelle, Sociolinguistique, Domination.

RESUMO: Verificação da hipótese segundo a qual o emprego dos modalizadores é mais frequente e mais variado entre as mulheres do que entre os homens, e demonstração de que isso se deve - mais do que a fatores naturais, biológicos - à aprendizagem dos papéis culturais de homem e mulher, assim como ao lugar socialmente inferior que a mulher ocupa em nossa cultura.

Palavras-chave: Variação lingüística, Modalização, Discurso feminino, Diferenciação sexual, Sociolingüística, Dominação.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que não existem, no mundo, línguas que, em si mesmas, constituam sistemas rigidamente homogêneos, invariados. Toda língua comporta, na verdade, um complexo sistema de variantes sociais e regionais, registros, níveis de língua, dialetos, gírias que se entrecruzam e se superpõem. Assim, a variação - considerada por Labov (ap. Yaguello, 1987) como inerente a toda língua - é hoje reconhecida como um fator central nos estudos lingüísticos, tendo-se abandonado uma lingüística fundamentada numa visão unificante da língua, que marginalizava as possibilidades de diversificação para concentrar-se no desempenho de um falante *ideal*, oriundo de uma comunidade lingüisticamente homogênea.

Vista como um "sistema de signos convencionais que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação" (PRETI, Dino, 1975), é impossível conceber a língua como um sistema neutro, já que não é utilizada apenas para facilitar a comunicação, mas também para exprimir desejos, alegria, censura, violência, poder, desprezo, opressão, para argumentar, persuadir, impor. A relação entre o homem e a sociedade passa obrigatoriamente pela língua, código que apresenta um papel preponderante entre todos os outros capazes de transmitir mensagens.

À Sociolingüística caberia, assim, estudar as relações entre as variações lingüísticas e as variações sociológicas para verificar o possível condicionamento exercido por estas sobre as primeiras, através da descoberta e estudo dos fatores extra-lingüísticos que pudessem estar ocasionando essas variações. Entre os parâmetros da variação poderiam ser citados: a classe social, grupo étnico, idade, profissão, região geográfica e o sexo.

A diferenciação sexual na linguagem é o tema que se propôs para este trabalho. As diferenças entre o falar dos homens e o falar das mulheres vêm sendo observadas há séculos, especialmente nas sociedades consideradas arcaicas e primitivas por antropólogos e etnólogos, os quais veriam essa diferenciação lingüística como uma espécie de curiosidade exótica, tal como os costumes e rituais das tribos. Com a emergência da Sociolingüística, nasce também uma nova orientação para esses estudos: integrando os dados dos an-

tropólogos e dialetólogos recolhidos nas sociedades arcaicas e primitivas com observações contemporâneas feitas nas sociedades "desenvolvidas", partir para a formulação de uma crítica social que relacionasse o uso lingüístico ao *status* da mulher e do homem na sociedade.

Costumava-se creditar a maioria das diferenças observadas entre o discurso feminino e o discurso masculino a causas naturais, biológicas. Algumas delas, evidentemente, se enquadram nessa situação, tais como a voz, timbre; outras, porém, parecem ser culturais por excelência, resultado de uma espécie de aprendizado cultural imposto a homens e mulheres pelas circunstâncias sociais. Neste último caso estariam, por exemplo, a polidez "característica" da linguagem feminina e o uso do palavrão e da gíria bem mais tolerado¹ na linguagem masculina.

Pretende-se, neste trabalho, tentar verificar a maior ou menor incidência, na fala masculina e feminina, de estruturas de modalização, característica ligada à polidez do discurso feminino, a qual se destina a minimizar ou contornar os conflitos (ver, por exemplo, o papel tradicionalmente reservado à mulher, à mãe como mediadora, até mesmo na religião) através do uso de uma linguagem não categórica, evitando as afirmações, assertivas, a imposição de opiniões e pontos de vista.

Será discutida, num primeiro momento, a variação lingüística como fenômeno eminentemente social. Em seguida, será feita uma tentativa de arrolar os principais traços que caracterizariam o discurso feminino e o discurso masculino. Num terceiro momento, a partir das leituras feitas, tentar-se-á discutir se a modalização é uma característica inerente à condição feminina ou se se trata da aprendizagem de um modelo socialmente imposto, haja vista a posição que a mulher tem ocupado nas sociedades ocidentais. Numa quarta etapa, será explicitada a metodologia utilizada para a pesquisa de campo. Finalmente serão apresentadas uma análise dos resultados e as conclusões.

2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: um fenômeno social

A língua é um sistema simbólico engajado nas relações sociais. Efetivamente, entre língua e sociedade haveria uma relação estre-

ta e nada casual. Ao nascer, o ser humano já encontra a sua espera um sistema lingüístico estruturado, o qual, por imitação ou associação, acaba por internalizar, passando a produzir suas próprias mensagens, dada a sua necessidade de intercâmbio e comunicação com os demais membros da comunidade à qual está integrado. No mundo de mensagens recebidas e emitidas, a língua desempenha sempre um papel preponderante, mesmo levando em consideração todos os canais, veículos e códigos existentes no mundo moderno para a emissão de mensagens.

Para Preti (1975), a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros a significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação lingüística.

É preciso ainda rejeitar a idéia de uma língua *neutra*, homogênea; de fato, a língua não serve apenas para facilitar a comunicação. Ela permite ao indivíduo manifestar censura ou aprovação, violência e desprezo, é instrumento para libertar ou para oprimir. Assim é que, dependendo do contexto, da situação, da necessidade ou disposição do emissor ou do receptor, de suas finalidades imediatas podem ser constatadas variações ou variantes.

De acordo com Tarallo (1985), em toda comunidade lingüística são freqüentes as formas em variação. A essas diferentes maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto dá-se o nome de variantes. O conjunto de variantes constitui uma variável lingüística. Configura-se, assim, o fenômeno da diversidade/uniformidade lingüística, um dos principais problemas de que se ocupa a Sociolingüística. Muitos foram os estudiosos que se ocuparam em definir os fatores que condicionariam a opção do falante por uma ou outra variedade. Para Bright (1966) existem três dimensões que configuram as variedades: a) a dimensão do emissor, que determinaria as variedades sociais; b) a dimensão do receptor, que implica a escolha do tratamento e a necessidade de adaptação - por exemplo, o professor que se dirige a seus alunos; c) a dimensão da situação, que não considera a identidade social do emissor e do receptor - a seleção de registro, formal ou informal.

Preti apresenta como fatores condicionantes da existência dos diversos níveis de fala, os seguintes:

- 1) Situacionais: compreenderiam as influências determinadas pela ocasião, lugar e tempo em que se realiza o ato de fala, assim como as ligações que unem interlocutor e receptor.
- 2) Contextuais: tudo aquilo que foi dito antes ou depois das falas e, ainda, o tema tratado.
- 3) Psicológicos: incluiriam os dados ligados à psicologia do emissor e do receptor, a sua personalidade.
- 4) Regionais: envolvem a localização geográfica, as variações que resultam das diversidades locais.
- 5) Sociológicos: dizem respeito à profissão, classe social, cultura, grau de escolaridade, tradições, atividades recreativas ou intelectuais dos participantes do diálogo.
- 6) Etnológicos: abrangeriam as variantes que resultassem da influência da raça ou da cultura própria à comunidade do falante.
- 7) Naturais: entre outras, a idade e o sexo do falante.

Para este trabalho, foi privilegiada a diferenciação com base no sexo, que determinaria a existência de um registro masculino e um feminino. Evidentemente, não se pode isolar a variável sexo das demais variáveis que coocorrem no momento da análise, tais como: classe social, nível de escolaridade, idade, categoria de atividade; ao contrário, elas interagem para fornecer um retrato mais apropriado da fala masculina e da fala feminina, das quais os principais traços e características serão tratados no item a seguir.

3 O HOMEM, A MULHER E A LINGUAGEM

3.1 DADOS ETNOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS: tabus, segregação lingüística

O interesse pela relação entre os sexos e a linguagem é bastante antigo. Diferenças entre o falar das mulheres e o falar dos homens vêm sendo observadas ao longo dos tempos, especialmente entre sociedades primitivas e arcaicas. Disto se encarregaram tanto

os primeiros missionários enviados a regiões pouco conhecidas num esforço de colonização, como também os antropólogos e etnólogos que se seguiram a eles.²

Furfey (1944) faz referência à relação entre língua e sexo nas diferentes sociedades primitivas e apresenta, numa constatação surpreendente para a época, o conceito de que a linguagem masculina pode ser um instrumento de dominação sobre as mulheres, do mesmo modo que a variante padrão de alguns usuários exerce um poder discriminatório sobre os falantes de uma variante considerada de menor prestígio. É interessante notar que o autor exclui de seu estudo as sociedades do mundo ocidental, dando a entender que o problema da diferenciação sexual lingüística seria um traço próprio das sociedades primitivas, destinado, pois, a desaparecer com a evolução. Entretanto, sabe-se que, entre algumas sociedades consideradas “desenvolvidas” como o Japão, ainda se mantêm certos traços sociolingüísticos que remontam à era pré-industrial³, o que vem justificar o fato de serem mencionadas no parágrafo anterior a sociedades primitivas e arcaicas.

Na maioria dos casos, o problema da diferenciação conduz quase sempre à segregação lingüística. Nas sociedades primitivas e arcaicas, esta se fundamenta basicamente no tabu e na exogamia⁴.

O tabu possui manifestamente um papel regulador, garantindo a manutenção de uma certa ordem social. A transgressão é severamente punida, pois homens e mulheres partilham diferentes domínios de intervenção. Aquilo que aos homens é permitido, às mulheres é vedado, como no caso dos índios das Ilhas Trobriand, onde as fórmulas mágicas dos rituais não devem ser proferidas pelas mulheres sob pena de torná-las nefastas ou inoperantes. Na Austrália, a língua mística do povo Kamilaroi – o Yanan – é falada exclusivamente pelos homens durante os rituais de iniciação.

Um outro tipo de tabu lingüístico é o que proíbe à mulher a pronúncia do nome do marido ou de um outro membro da família. É o que acontece, com as devidas variações, entre os Zulus, ou ainda entre indígenas das Caraíbas, na Melanésia e em Madagascar. Interessante notar que os nomes devem ser evitados não apenas quando se referem aos membros do clã que eles designam, mas também como elementos constitutivos da linguagem corrente. As-

sim, a palavra-tabu deve ser modificada (substituindo-se um ou mais fonemas por outros) ou substituída por equivalentes.

Muito curioso é também o caso dos Ba-Ila, povo originário do norte da Rodésia, onde as mulheres cantam canções obscenas durante os funerais dos homens. De resto, é a única ocasião em que podem fazê-lo, pois o vocabulário erótico e obsceno é rigorosamente tabu para elas na presença de homens.

Observe-se que esse tipo de tabu não origina propriamente “uma língua de mulheres como subsistema de uma língua comum” (Yaguello, 1987), mas ressalta a existência de diferenças no uso da língua entre os usuários dos dois sexos. Aliás, é preciso deixar claro que os tabus lingüísticos são mais frequentemente aplicados às mulheres do que aos homens; há, no entanto, casos em que se estendem à comunidade como um todo, como entre muitas das tribos ameríndias, onde não se pode pronunciar as palavras sogro, sogra, após a morte dos mesmos.

O casamento entre homem e mulher que pertencem a clãs diferentes faz com que, na nova família, coexistam duas variedades lingüísticas: a da mulher, a língua materna, estrangeira, que é por ela ensinada aos filhos, e a língua do pai, a que é aprendida e utilizada fora do lar. Na China antiga, a exogamia criava diferenças entre a língua das mulheres e das crianças de menos de 12 anos e a língua dos homens e das crianças mais velhas. Na Austrália, a necessidade de preservação dos dialetos acrescentava à exogamia o hábito de homem e mulher continuarem a falar, após o casamento, a língua de origem, configurando-se, assim, uma situação de bilingüismo.

Não se pode, entretanto, falar de casos em que ocorram línguas distintas para homens e mulheres, apesar das diferenciações que possam existir. Trata-se, quase sempre, de variantes ou socioletos de uma língua comum, o que pressupõe, naturalmente, uma compreensão mútua. Pode-se falar sim de diferenças lexicais, de repertórios diferentes, devidos à repartição de papéis e de centros de interesse entre homens e mulheres.

3.2 O FALAR MASCULINO E O FALAR FEMININO: tentativa de caracterização

Deve-se, antes de tudo, rejeitar a idéia de que diferenças lingüísticas entre o falar masculino e o falar feminino sejam apenas produto de mentalidades primitivas e arcaicas. Elas existem mesmo nas sociedades modernas, ditas mais “desenvolvidas”, embora sejam menos facilmente perceptíveis aos observadores, sobretudo aos leigos. Parece que as diferenças mais marcantes em nível de observação leiga seriam, por exemplo, a entonação, o timbre, a voz (“Ele fala igual a uma mulher”), a risada⁵. Isto talvez possa ser explicado por uma certa falta de recuo no tempo, pela familiaridade com o domínio lingüístico, que ocultariam a percepção dessas diferenças.

Em princípio, não se pode falar de uma codificação estrita em termos de língua: homens falam X, mulheres falam Y. É possível, porém, apontar tendências mais ou menos fortes, orientações que privilegiam um ou outro grupo de falantes dos dois sexos. Também não se pode isolar a variável sexo de outras variáveis, tais como a idade, classe social, nível de escolaridade, profissão, de cuja interação emergiriam o que seria possível chamar registro masculino e registro feminino.

Embora não se possa afirmar a existência, atualmente, de tabus lingüísticos no sentido lato da palavra, é certo que determinadas formas, determinados domínios de expressão ainda são estigmatizados pelas sociedades em geral. Entre outros, podem ser citados o erotismo, o escatológico, a doença, a morte, tudo o que, de certa maneira, não deve ser chamado pelo seu próprio nome, seja porque a “boa educação” não permite, seja pelo medo ancestral de coisas que a humanidade ainda não pôde vencer e contra as quais ela se previne usando o eufemismo. Podem ser citadas, a título de exemplo, expressões do tipo “aquela doença”, para o câncer, ou “ele descansou” para ele morreu, “uma criança excepcional” para evitar a expressão retardado mental e todas as expressões familiares ou pejorativas designando os órgãos sexuais e funções a eles ligadas. Segundo Reik (ap. Yaguello 1987), o uso do eufemismo e da alusão, dos subentendidos seria bem mais expressivo entre

as mulheres do que entre os homens. No entanto, bastaria levantar os inúmeros vocábulos e expressões que os homens usam para designar as mulheres, sobretudo as prostitutas, para que se constatasse, senão uma completa igualdade no uso, mas, ao menos, um certo equilíbrio.

O respeito aos tabus verbais seria, pois, uma característica bem mais presente entre as mulheres e aí se incluiria a não utilização da linguagem grosseira, obscena. Com efeito, a partir de Freud estabeleceu-se a crença de que a mulher experimentaria uma repugnância inata pela obscenidade e, mais generalizadamente, pela linguagem grosseira, pela blasfêmia. Jespersen (ap. Yaguello 1987), aponta o uso da gíria e da linguagem maliciosa e obscena como característico do sexo masculino. Efetivamente, na comunicação direta, a expressão grosseira e obscena é bem menos tolerada nas mulheres que nos homens. O palavrão que é naturalmente aceito e, às vezes, até encorajado, na boca do menino, é inaceitável da parte da menina. Não se pode negar que a linguagem obscena, a gíria, são de criação essencialmente masculina, donde o caráter viril, “macho”, de tais expressões. As blasfêmias fazem parte, igualmente, do domínio de expressão reservado aos homens.

Não haveria, no entanto, uma determinação inata à natureza feminina justificando essa repugnância à grosseria, à obscenidade. Isso ocorreria por conta de um condicionamento social começando na infância, segundo o qual a mulher é educada (treinada?), sobretudo nas classes burguesas, para ser uma dama, enquanto que o homem deve ser forte, “macho”, em uma palavra, comportamento que o uso de gíria e palavrões só viria reforçar.

A mulher deve ser sempre educada, gentil, polida, enquanto que o homem só precisa ser gentil em presença de mulheres. Lakoff (ap. Yaguello 1987), considera que as mulheres empregam com mais freqüência as fórmulas de polidez do que os homens. Essa polidez se destinaria a reduzir os conflitos, a mascarar os antagonismos, o desacordo, a desaprovação. Em outras palavras, a polidez parece estar ligada a uma pretensa incapacidade feminina de se afirmar, de dizer abertamente o que pensa, de dar ordens, de reclamar o que lhe é devido. É bom lembrar que a mulher sempre ocupou nas sociedades patriarcais uma posição submissa, secundária, inferior em relação a uma nítida supremacia masculina. As

expressões ainda muito utilizadas “sexo frágil”, “segundo sexo” seriam um pálido exemplo a confirmar essa condição de dominação. Logo, se da mulher sempre se esperou um comportamento submisso e resignado, se dela não se esperavam decisões, ordens, tomada de posições, parece lícito esperar que o traço polidez seja dominante na sua linguagem.

Lakoff atribui, ainda, às mulheres o domínio de um leque de esquemas entonativos bem mais amplo que o dos homens. Entre as entonações particularmente “femininas” estariam aquelas que indicam submissão, incerteza, busca de aprovação, hesitação, aprovação polida, surpresa, entusiasmo exagerado beirando ao atoleirado, ao simplório, além de todas as entonações utilizadas para falar às crianças, sobretudo, às mais novas.

A mulher utilizaria também com maior frequência as estruturas de modalização que exprimem dúvida, incerteza, destinadas a evitar a afirmação categórica, a agressividade no discurso. Esta característica será especialmente discutida no item 3.3 deste trabalho.

Tem-se reconhecido, ainda, como característico do discurso feminino o purismo⁶ lingüístico, isto é, a tendência à hipercorreção, à utilização predominante da norma culta. Deste modo, as mulheres empregariam com menor frequência as formas estigmatizadas, interiorizando, preferencialmente, as regras do padrão dominante. Foi o que Labov verificou em sua pesquisa sobre a pronúncia do /r/ em Nova Iorque. Trudgill (ap. Yaguello, 1987), obteve resultados semelhantes numa pesquisa sobre o inglês falado em Norwich, na Grã-Bretanha. Essa preocupação maior da mulher em utilizar o padrão dominante, a norma, poderia ser atribuída à sua necessidade de elevar o seu *status*, a sua posição na sociedade. Falar “bem”, de maneira “correta” seria uma maneira de facilitar o acesso à palavra, ao poder, dos quais o homem parecem vir mantendo o monopólio. A título de ilustração, recorde-se o comentário do empresário Mário Amato a respeito da inteligência da então ministra do Trabalho, Dorothea Werneck.

Ao purismo se juntaria a tendência ao conservantismo lingüístico, a preservação de formas da língua para efeito de transmissão às futuras gerações. Os homens, ao contrário, tomariam maiores liberdades com a língua, seriam renovadores, “artesãos da criação lingüística”, no dizer de Yaguello (1987). Reconhece-se que é a

mulher que tem se ocupado, tradicionalmente, em ensinar a língua aos filhos e, graças a isso, inúmeras línguas que, de outro modo, estariam condenadas ao desaparecimento, se mantêm ainda vivas. Nas situações de bilingüismo, por exemplo, é freqüente verificar-se que a mulher mantém a língua de origem, enquanto que o homem, que vai trabalhar fora de casa, aprende mais rapidamente o segundo sistema. Cite-se, a propósito, o caso dos imigrantes árabes na França: ele aprende o francês para poder trabalhar; ela que fica em casa, em relativo isolamento, continua falando predominantemente o árabe. Invertidas as situações, o contrário também pode ser verdadeiro. O caso do *black english* nos guetos negros dos Estados Unidos pode fornecer um exemplo esclarecedor. As mulheres negras praticam muito mais o inglês *standard* do que os homens, visto que entre estes a taxa de desemprego é muito maior, o que as obriga em muitos casos, a se transformarem em chefes de família. Ora, as profissões abertas às mulheres são, geralmente, as de babá, empregada doméstica, vendedora, enfermeira, o que implica um estreito contato com os brancos da burguesia donde a apropriação mais rápida da variante padrão (Yaguello, 1987). Deste modo, uma vez saídas do isolamento, as mulheres tendem a interiorizar o dialeto dominante, talvez porque, para elas, a promoção social é bem mais vital. Note-se, pois, que o conservantismo lingüístico, além da tendência à norma dominante, são traços condicionados por fatores sócio-culturais, visto que resultam, entre outras coisas, da divisão de papéis imposta a homens e mulheres nas sociedades.

Como se pôde ver, as diferenças freqüentemente constatadas, nem sempre foram bem interpretadas. Os fatores ditos psicologicamente “inatos” são, na maioria, suscetíveis de receber uma interpretação social que remete à posição que a mulher ocupou, ou ainda ocupa, nas sociedades primitivas, arcaicas ou modernas. A oposição masculino/feminino parece corresponder ao esquema dominação/submissão. As diferenças biológicas são reforçadas pela aprendizagem cultural dos papéis destinados ao homem e à mulher, o mesmo valendo para os outros códigos que não o lingüístico, tais como posturas, gestos, expressões faciais, maneiras de vestir-se, etc. A diferenciação sexual apareceria, portanto, como um fato sócio-cultural que se reflete na língua, que fixa as representações simbólicas e que acentua e conserva preconceitos e estereótipos.

3.3 O USO DE ESTRUTURAS DA MODALIZAÇÃO: uma característica eminentemente feminina?

Conforme o que ficou exposto no item anterior, uma das características mais marcantes da fala feminina seria o emprego mais freqüente de modalizadores. Convém, antes de tudo, que se tente explicitar aqui o que se entende por modalizadores. Segundo Dubois et alii (1973), chamam-se modalizadores os meios pelos quais um locutor manifesta a maneira pela qual encara seu próprio enunciado. Por outras palavras, os modalizadores traduziriam a atitude do falante em relação às informações que ele transmite⁷. Galisson & Coste (1976) assinalam ainda que “num mesmo ato do discurso, o locutor poderá exprimir uma proposição como desejável, uma outra como necessária, manifestar sua adesão enfática a uma terceira, etc.: é a esta variação de modalidades ao longo da mensagem que se chama modalização⁸”.

Deste modo, o uso do condicional, de expressões como “talvez”, “eu acho”, “eu penso”, “possivelmente”, “segundo se diz”, “realmente”, seriam, entre muitas outras, indicadoras da maneira pela qual o falante se posiciona face àquilo que pretende dizer ou afirmar. O termo modalizar tem sido empregado no sentido de nuançar, de dar uma gradação; ao menos, é o que se pode depreender do que contém certos manuais de ensino de língua estrangeira, quando propõem que se ensine ao aluno uma relação de formas de expressão que o auxiliem a manifestar aprovação branda ou enfática, discordância polida ou agressiva, dúvida e incerteza. Neste sentido, poder-se-ia falar de modalizadores pragmáticos, ou seja, todas e quaisquer marcas que o emissor imprime ao seu discurso, como é o caso de expressões já citadas acima, além da própria organização das palavras na frase. Todos esses elementos permitiriam identificar a intenção do emissor na elaboração da sua mensagem.

A pesquisa empreendida ao longo deste trabalho visou, sobretudo à identificação, nas falas masculina e feminina, de construções modais denunciadoras de dúvida, hesitação, incerteza, denotando, por parte do falante, a intenção de evitar as asserções, as afirmações categóricas, o compromisso com um ponto de vista. O uso de modalizadores está ligado às estruturas de polidez, segundo as

quais é preciso sugerir ao invés de afirmar, é preciso que não se manifeste abertamente a desaprovação mas, contrário, se deixe sempre aberta a possibilidade de entrar em acordo com o parceiro. E é à mulher que se tem tradicionalmente reservado o papel de submissão, a incapacidade de se afirmar, de emitir opiniões firmes, donde a idéia de que é ela que emprega com mais freqüência os modalizadores. Até bem pouco tempo atrás, era possível ler em revistas e jornais, nas colunas sentimentais, recomendações do tipo “deixe o seu homem falar”, “não o contradiga”, “a mulher que sabe ouvir sabe segurar o seu homem”, que visavam a reforçar esse comportamento submisso da mulher. Coutinho (1986), agrupou uma série de características do chamado “discurso feminino” em dois traços principais: Futilidade e Polidez. No traço polidez são incluídos o emprego de partículas e expressões de indecisão (eu acho; parece; você sabe; não sei; mas); de partículas interrogativas (não é?; né?; sabe? não acha?) e de padrões de entoação interrogativa em afirmações (a resposta “às oito?” para a pergunta “A que horas sai o jantar?”). Todas elas evidenciam que o emissor está evitando comprometer-se inteiramente, suavizando a agressividade de seus pontos de vista, esquivando-se, assim, de um possível conflito com o seu parceiro na conversação. Coutinho assimila, em parte, discurso feminino a discurso do dominado já que, para ela, existiria uma relação de dominação entre homens e mulheres. A língua é uma construção sexista, pois os conceitos e sistemas simbólicos são de criação masculina e, ao invés de refletirem as experiências da mulher, funcionam no sentido de falsificar sua auto-imagem e experiências. Haveria, portanto, uma relação tradicional entre homens e mulheres, estas o grupo dominado, aqueles o grupo dominante, relação de poder que se explica quando o dominado submete-se a um sistema real de limitações econômicas, políticas, jurídicas e ideológicas impostas pelo outro. Aquilo que se chama, então, de discurso feminino pode equivaler, em parte, ao discurso de um grupo dominado, comparando-se à situação de discurso de outras minorias como negros, judeus, operários, em virtude da situação de dominação em que vivem dentro da sociedade. Nesse sentido, a autora alerta para o fato de que o papel da linguagem na construção das desigualdades ainda não foi suficientemente estudado e que só recentemente as questões pertinentes à relação língua X poder têm sido levadas em conta pelos estudiosos.

A idéia, por conseguinte, é de que as características habitualmente atribuídas ao “discurso feminino” poderiam ser extensivas à fala de outros grupos considerados dominados. Assim sendo, o sexo do falante não seria suficiente para explicar a presença desses traços na fala das mulheres.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Já foi assumida em itens anteriores a postura de se considerar a língua, não como um todo homogêneo e invariado, mas como “um caos lingüístico possível de ser sistematizado” (Tarallo, 1985)⁹. A heterogeneidade e diversidade da língua, sobretudo da língua falada, podem ser estruturadas de maneira a tornar evidente, por exemplo, a mudança lingüística, a justificá-la e até a prevê-la; não acreditar na possibilidade de sistematização corresponderia a apostar na impossibilidade virtual de existir comunicação entre os falantes de uma mesma comunidade.

Para tentar analisar e sistematizar a variação lingüística baseada no sexo, tomou-se como modelo de análise a chamada “teoria da variação lingüística”, modelo teórico-metodológico criado por Labov.

O objeto de estudo é a língua falada, ou seja, o “veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face” (Tarallo, 1985). O presente trabalho tem por objetivo tentar verificar a maior ou menor incidência do uso de estruturas de modalização na fala masculina e feminina, assumindo-se que a literatura especializada aponta essa característica como predominante na fala feminina. Pretendeu-se, assim, verificar se a variável sexo é, de fato, um fator predominante na frequência com que o falante emprega os modalizadores ou se, ao contrário, haveria outros possíveis fatores determinantes para tal ocorrência.

Para a obtenção de um *corpus* significativo, procedeu-se a uma pesquisa de campo para coleta de dados, tendo-se realizado gravações da fala de homens e mulheres, os informantes. Era necessário que fossem obtidos dados da língua falada, aquela casual,

espontânea, quando o falante está exclusivamente voltado para “o que” vai dizer, sem atentar demasiadamente para o “como” do enunciado. Nesta situação, era preciso evitar a interferência do pesquisador – professora de língua portuguesa – na naturalidade da fala dos informantes. Assim, escolheu-se o método de entrevista sociolingüística que teria o propósito de reduzir ao mínimo possível os efeitos da presença do entrevistador. Formulou-se, então, um roteiro de perguntas sobre o tema “o primeiro amor”. A escolha do tema para conversação também foi intencional, pois esperava-se que, ao falar de uma experiência pessoal, o falante se descontraísse o suficiente para não policiar sua maneira de falar. Aos que indagavam qual o objetivo da entrevista, respondia-se que ela visava comparar reações masculinas e femininas a experiências anteriormente vividas. As perguntas eram apresentadas oralmente aos informantes e, com ligeiras variações, foram as seguintes:

Pergunta 1 - Você poderia me falar do seu primeiro amor, das circunstâncias em que ele ocorreu?

Pergunta 2 - Você considera essa experiência positiva ou negativa? Por quê?

Pergunta 3 - Você poderia comentar a afirmação da sabedoria popular, segundo a qual “o primeiro amor a gente nunca esquece”?

Procurou-se evitar na elaboração das perguntas expressões do tipo “o que você acha”, “o que você pensa”, “qual a sua opinião”, etc., para que não houvesse um provável condicionamento nas respostas dos entrevistados, visto que é bastante previsível a presença dos modalizadores a quando da emissão de opiniões ou julgamentos.

Por motivos de comodidade, foram selecionados dezesseis informantes das comunidades mais próximas ao entrevistador, isto é, alguns vizinhos e colegas professores do Instituto de Educação do Pará. O fator determinante para a seleção foi obviamente o sexo. No entanto, fixou-se também uma faixa etária – de 25 a 40 anos – e um nível de escolaridade – instrução superior – para todos os informantes, prevendo as mais que possíveis variações, caso fossem considerados diferentes níveis de escolaridade ou diferentes faixas etárias, na análise dos resultados.

Optou-se por não transcrever, no corpo do trabalho, a integralidade dos dados obtidos, mas algumas amostras mais representativas que serão apresentadas na análise dos resultados.

que se poderia esperar, alcançando quase que um relativo equilíbrio. Está claro que a variável sexo foi privilegiada na análise, embora se possa presumir que a interveniência de outras variáveis forneceria explicações mais consistentes sobre o fenômeno. Assim, parece que o simples fato de se tratar de um falante do sexo masculino ou do sexo feminino não é suficiente para se afirmar que a diferenciação observada é devida apenas ao sexo.

Tal como se esperava, as estruturas de modalização mais frequentes foram as que denotam dúvida, incerteza, hesitação, busca de aprovação. Na figura 3, é oferecida uma classificação desses modalizadores de acordo com a frequência de emprego.

A partícula interrogativa “né?” foi a mais frequente tanto no discurso dos homens como no das mulheres, sobretudo se se levar em conta as 14 ocorrências das variantes “num é?” e “não é?”.

Foi também verificado o emprego de modalizadores de forma um tanto exclusiva, isto é, alguns foram usados apenas pelos homens e outros, apenas pelas mulheres. No primeiro caso estão “eu penso”, “entende?”, “eu acredito”, “digamos”, “embora”, “quer dizer”, “eu não posso nem...”; no segundo caso, foram encontrados “um certo”, “lógico”, “talvez”, “em parte”, “neste sentido”, “a minha opinião”, “em certo ponto”, “o pessoal diz”, “depende”, “entendeu?”, “justamente”, “eu posso até”, “meu ponto de vista”. Vê-se que, além de certa superioridade em termos de frequência, as mulheres também utilizaram uma maior variedade de elementos modalizadores.

6 CONCLUSÃO

Uma língua não é um sistema fechado, imune a variações. Ao contrário, ela abriga em si mesma variantes de toda ordem, sociais, regionais, níveis de língua, registros, gírias, modalidades que coexistem, se entrecruzam e se superpõem.

Durante muito tempo, os lingüistas ignoraram, por questões teóricas, a variação dentro da língua falada, visto que não podiam explicar o fenômeno apenas com base em abstrações bem estruturadas. As relações entre língua e sociedade são vitais para a compreensão dos fenômenos lingüísticos. Quando se nasce, já se en-

contra à nossa espera um código pronto para ser usado dentro da comunidade de que fazemos parte. Por imitação e associação, aprende-se a selecionar e a combinar elementos desse código para satisfazer às necessidades de intercâmbio e comunicação. Desse modo, uma língua não é também um sistema neutro. Ela reflete como num espelho as ideologias e posicionamentos, fixa representações simbólicas e se faz eco de preconceitos e estereótipos. Afinal, “la langue est un produit, le résultat d’une pratique, mais cette pratique ayant lieu dans un contexte qui est toujours baigné d’idéologie, elle est aussi le support de l’idéologie. Cette pratique étant sociale, la langue devra en outre être considérée comme fait social.” (Calvet, 1975)

Diferenças entre o falar das mulheres e o falar dos homens há muito vêm sendo observadas. O problema é que essas diferenças têm sido mal interpretadas, resultando num reforço para a tese de que a diferença está, geralmente, ligada à inferioridade.

Não é de hoje que as mulheres se queixam de que a sociedade patriarcal as tem rotulado como dependentes dos homens: tudo teria começado com a narrativa bíblica da criação da mulher a partir de uma costela de Adão, o que reforça a idéia de que a mulher é o sexo frágil, depende do homem, lhe é inferior. Há, certamente, diferenças físicas básicas que são aceitas sem discussão. No entanto, certos traços, que têm sido atribuídos apenas à fala das mulheres, configuram proposições inaceitáveis se observadas do ângulo correto, abandonando-se as justificativas da psicologia diferencial e do inatismo.

Efetivamente, todas as características atribuídas à linguagem feminina são suscetíveis de receber uma interpretação social. Os fatores ditos “inatos” provêm, na maioria das vezes, de esquemas culturais cuja justificação de que estão na natureza, permite que não sejam questionados, perpetuando-se, assim, o mito de que diferença = inferioridade.

Este trabalho se propunha a tentar verificar, a partir da caracterização dos discursos masculino e feminino oferecida pela literatura especializada, a ocorrência mais ou menos frequente de modalizadores – um dos aspectos do traço polidez atribuído à fala feminina – no discurso de informantes de ambos os sexos. Foi privilegiada na análise a variável sexo, embora se tivesse fixado também

uma faixa etária e um nível de escolaridade para a seleção dos informantes. Os resultados obtidos mostraram, em princípio, o emprego mais freqüente e mais variado de modalizadores na linguagem feminina. Apesar disso, eles aparecem também em número bastante significativo na fala masculina. Isso pode levar à conclusão de que esta característica é relativamente comum aos dois discursos dentro da faixa etária e do nível de escolaridade observados.

A mulher seria “naturalmente” mais polida do que o homem? Seria a sua fala “naturalmente” semeada de partículas e expressões indicadoras de dúvida, hesitação, de busca de aprovação, no afã de evitar os conflitos, de mascarar antagonismos, de deixar sempre em aberto a possibilidade de acordo com o parceiro? Atrevemo-nos a afirmar que não (e já se está modalizando, embora por razões diversas!). O fato de se nascer homem ou mulher é insuficiente para explicar a presença desse traço no chamado “discurso feminino”. Preferimos pensar que essa diferença está diretamente ligada à posição socialmente inferior que as mulheres normalmente ocupam em nosso meio. Fazendo parte, como judeus, negros, operários e outras minorias, dos grupos dominados, delas sempre se esperou docilidade, resignação e obediência. Não é de se estranhar, pois, que sua fala ainda reflita em grau relativamente alto essa condição. Contudo, admite-se a existência de uma outra hipótese: a de que as mulheres aprendem a “falar como mulheres”, isto é, de que se trata de todo um aprendizado cultural da condição e do comportamento feminino nas sociedades ocidentais.

Assim sendo, repetimos, o sexo não seria o principal determinante nas diferenças observadas entre a fala masculina e a fala feminina. Por razões de limitação de objetivos não se levaram em conta, na pesquisa, faixas etárias, níveis de escolaridade ou categorias profissionais diferentes, o que certamente permitiria obter resultados mais esclarecedores.

Mudanças sociais certamente acarretarão mudanças lingüísticas e é isso que torna tão fascinante a pesquisa sociolingüística: a possibilidade de se rever posições, de se reinterpretar e de se reavaliar o papel e a posição da mulher nas sociedades modernas com mais justiça e equanimidade.

Modalizadores	Ocorrências na fala feminina	Ocorrências na fala masculina	Total
- Condicional	02	02	04
- assim	29	15	44
- realmente	20	11	31
- eu acho	23	13	36
- um certo	02	-	02
- lógico	01	-	01
- bom	03	07	10
- talvez	02	-	02
- em parte	01	-	01
- né?	25	23	48
- neste sentido	01	-	01
- tá?	05	03	08
- mas	09	07	16
- sabe?	08	03	11
- a minha opinião	01	-	01
- bem	02	01	03
- não sei	01	05	06
- em certo ponto	02	-	02
- não é?	05	09	14
- o pessoal diz	01	-	01
- depende	02	-	02
- por exemplo	02	01	03
- justamente	01	-	01
- entendeu?	02	-	02
- eu posso até	01	-	01
- meu ponto de vista	01	-	01
- eu penso	-	03	03
- evidentemente	-	02	02
- entende?	-	01	01
- acredito	-	04	04
- embora	-	01	01
- quer dizer	-	01	01
- eu não posso nem	-	01	01
- digamos	-	01	01

Fig. 1 - Inventário dos modalizadores e ocorrências

	Fala Feminina	Fala Masculina	Total
Ocorrência de modalizadores	152 (57,14%)	114 (42,86%)	266

Fig. 2 - Frequência de modalizadores

Classificação	Modalizador	Nº de Ocorrências na fala feminina	Nº de Ocorrências na fala masculina	Total
1º	né?	25	23	48
2º	assim	29	15	44
3º	eu acho	23	13	36
4º	realmente	20	11	31
5º	mas	09	07	16

Fig. 3 - Classificação dos cinco modalizadores mais frequentes

N O T A S

- 1 Sabe-se que, por vezes, o hábito de dizer palavrões é até mesmo incentivado na fala do menino, porque ele “é homem”, porque “ele tem que ser macho”. Já a menina não deve dizer palavrões porque ela “é uma mocinha”, deve ser “bem-educada”. Recorde-se, a propósito, que há, pelo menos, 10 anos, era totalmente desaconselhado às mulheres o ingresso nos estádios de futebol, pois “aquilo não é lugar de mulher”, “tem muito palavrão”.
- 2 As informações constantes neste item foram inteiramente recolhidas na obra de Yaguello (1987) que, por sua vez, as recolheu nas mais diversas fontes.
- 3 No Japão, as mulheres da corte imperial criaram, no século XIV, uma linguagem feminina particular, que passou pouco a pouco para o uso de todas as mulheres, a qual se encontra, atualmente, em vias de desaparecimento (Pop ap. Yaguello, 1987).
- 4 Não nos propomos, neste trabalho, a um levantamento exaustivo das diferenças detectadas pelos estudiosos nas mais diversas comunidades observadas. Limitar-nos-emos, pois, a alguns exemplos mais significativos.
- 5 Observe-se, a propósito, que o riso agudo das mulheres (hi hi hi) é considerado mais distinto que o riso grave dos homens (ha ha ha), o qual é tido como mais vulgar. Pessoalmente portadora de uma risada mais grave do que aguda, a autora deste trabalho muitas vezes ouviu de seu pai a observação de que tinha uma risada imprópria para uma mocinha, uma risada “debochada”.
- 6 O purismo lingüístico se aplica a evitar o emprego de formas da língua consideradas vulgares, tal como ocorria nos salões literários da França no século XVII, movimento que ficou conhecido como Preciosismo. As preciosas procuravam reger a dicção, a ortografia, a pronúncia, a pureza da gramática do francês, tentando eliminar da fala corrente, porque grosseiras, a quase totalidade das palavras que designavam o universo concreto.
- 7 Adaptação livre do francês para o português.
- 8 Traduzido do francês para o português.
- 9 Na elaboração deste item baseamo-nos integralmente nas recomendações da obra de Tarallo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGHT, William. *Introduction: The dimensions of sociolinguistics in sociolinguistics*. New York: Mouton, 1966.
- CALVET, Louis Jean. *Pour et Contre Saussure; vers une linguistique sociale*. Paris: Payot, 1975.
- COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Discurso Feminino ou Discurso do Dominado*. In: Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil, 1, Salvador, 1986. *Atas*. Salvador.
- DUBOIS, Jean et al. *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973.
- FURFEY, Paul, Men's and Women's Languages. *American Catholic Sociological Review*. n. 5, p.218-223, 1944.
- GALISSON, R. et COSTE, D. *Dictionnaire de Didactique des Langues*. Paris: Hachette, 1976.
- JESPERSEN, Otto. *Language its Nature Origin and Development*. [s.n.] 1922. (ap. Yaguello, 1987).
- LABOV, William. *Sociolingüística Patorns*. Philadelphia [s.n.] 1973. (ap. Yaguello, 1987).
- LAKOFF, Robin. *Language and Woman's Place*. New York, [s.n.] 1975. (ap. Yaguello, 1987)
- MARCUSCHI, Luis Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- POP, Sever. *Enquete sur le conservatisme linguistique des Femmes; Essai d'approche socio-linguistique de la condition féminine*. Paris: Payot, 1987. (ap. Yaguello, 1987).

- PRETTI, Dino. *Sociolingüística: Os níveis da fala*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- REYK, Théodore. Men and Women speak different Languages. *Psychoanalysis*. v.2, n.4, p.3-15, 1954. (ap. Yaguello, 1987)
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: An introduction*. Londres [s.n.], 1922. (ap. Yaguello, 1987).
- YAGUELLO, Marina. *Les Mots et les Femmes; Essai d'approche socio-linguistique de la condition féminine*. Paris: Payot, 1987.